

# Inscrever-se enquanto analista

Luciana Nunes de Nunes<sup>1</sup>

## Resumo

A proposta deste trabalho é apresentar e discutir alguns questionamentos e reflexões a respeito do lugar da escuta analítica enquanto afetada pela resistência do analista, e sua articulação com a transferência do analisando. Para tanto, parte-se do referencial teórico freudiano, especialmente dos seus escritos técnicos. Apon-ta-se que a força pulsional posta na análise traduz-se, muitas vezes, em momentos transferenciais que carregam em si a possibilidade de uma intensificação da resis-tência, dificultando a travessia por essa fase dolorosa. O analista depara-se com a resistência do analisando e com o desafio de sustentar uma escuta delicada que possa dar conta desse tempo de ambivalência. Questiona-se qual é a implicação do analista no turbulento curso das convocações transferenciais do analisando, indagando a que resiste o analista e que forças operam para que ele hesite em ocupar o seu lugar e escape de exercer a sua função. Obtém-se que o que produz resistência no analista também advém do inconsciente. Freud adverte, em vários pontos de sua obra, acerca da relação direta entre o horizonte possível na condução de uma análise e a própria análise do profissional. Toda a análise estará sujeita a esbarrar em obstáculos que advém do analista. No exercício desse ofício, sempre se terá de lidar com o próprio inconsciente, e, nesse sentido, a análise do analista é também eticamente interminável, e não se traduz em garantia contra a resistên-cia. Inscrever-se como analista é trabalho que remete a um movimento insistente de inquietar-se, interrogar-se e buscar o lugar de analista.

**Palavras-chave:** Transferência. Lugar do analista. Resistência do analista.

---

<sup>1</sup> Membro Provisório do CEPdePA.

## 1 INTRODUÇÃO

Uma tela em branco, e a lembrança de uma frase lida nas redes sociais nos últimos dias: “*Escreve-se o que não pode ser dito*”. A frase é da psicanalista francesa Catherine Millot, em entrevista à Iara Pinheiro, no site O Globo, em junho de 2016. Penso no trabalho de escrever sobre um tema que possa representar a minha experiência e trajetória no percurso de formação analítica. Vejo-me no ímpeto de falar sobre a escolha do foco e percebo que falar disso é, também, falar de um suposto “eu” (ou seria um “mim”?). Será mesmo preciso *me* situar? É que sempre parece que eu tenho que iniciar um texto dizendo de que lugar eu falo, dizendo de minha implicação. E, se agora me dou conta do que tem de ilusório nessa tentativa, é porque sei que resta o inapreensível, e isso nada tem que ver com qualquer ideia de “resto”.

Quero falar do lugar do analista e, a partir dessa escrita, tentar uma aproximação com o indizível de estar continuamente buscando um lugar que não cessa de escapar. Lugar do analista como lugar de escuta do inconsciente, como lugar de atenção flutuante às associações livres do analisando, que escapa pelo tensionamento afetivo produzido pela matéria mesma de que a análise é feita: a transferência e a resistência. Se a análise acontece através da transferência e da resistência, paradoxalmente, é também por essa via que a escuta do inconsciente inviabiliza-se, obstrui-se. Ao falar desses dois fenômenos, entendo que eles passam analista e analisando, mas o recorte deste trabalho visa estudar o lugar da escuta analítica enquanto afetada pela resistência do analista e sua articulação com a transferência do analisando.

O trabalho do analista começa por um oferecer-se à transferência. O momento, porém, em que o fio da transferência começa a tecer a teia que buscará capturar um analista, para nós, é estranho e desconhecido. Quando uma pessoa procura um analista para agendar um primeiro encontro, não sabemos onde nos situamos para quem nos busca – trabalho para uma escuta atenta e flutuante. Um fio que tece - teias/redes - e que busca uma captura. É viável pensar por essa metáfora o que se desenvolve na transferência? Talvez essa imagem possa tornar visível a força dos dois aspectos que este texto pretende abordar: a transferência

do analisando como uma produção insistente, resistente, delicada e portadora de uma intencionalidade; o lugar do analista como lugar de fragilidade, de vulnerabilidade, posição difícil de sustentar, visto que engendra a necessidade de um mover-se entre presença e ausência, entre oferecer-se como presa, sem deixar-se capturar.

## **2 A TRANSFERÊNCIA COMO *PATHOS*: PAIXÃO E PADECIMENTO**

Nos artigos sobre a técnica, encontramos muitas das principais colocações freudianas a respeito da transferência. Em “A Dinâmica da Transferência”, Freud (1912a) fala sobre: “[...] impulsos que determinam o curso da vida erótica” (p. 111), estabelecendo que parte desses impulsos encontra-se disponível ao paciente, é consciente e está dirigida para a realidade; e parte constitui-se de impulsos libidinais inconscientes, que não prosseguiram o curso de desenvolvimento. Freud aponta que a expectativa amorosa de uma pessoa compõe-se, portanto, de libido consciente e inconsciente e que, na vigência de uma situação de insatisfação, tal estado de prontidão para o amor não irá discriminar a figura do médico.

Proponho destacar a dimensão pulsional da transferência, no intuito de abordar o que se apresenta como intensidade, como força que insiste, que não cessa de buscar uma via por onde escoar. É pelas impossibilidades impostas a essa força que se formam os sintomas. E, quando os sintomas avançam o limite do suportável, emerge aquele momento em que lidar com a própria vida faz-se estranho, sofrido. É nesse contexto, movido por esse sofrimento, e na tentativa de encontrar uma outra via possível para o que pulsa, que um determinado sujeito decide endereçar a um analista um pedido de “cura”. Esse endereçamento engendra uma atribuição ao outro de um saber suposto acerca do psíquico (LACAN, 1961). Nesse sentido, configura-se como um convite para suportar a dor e a própria expectativa de que esse outro possa lidar com isso, inaugurando a um só tempo, as trilhas do padecimento e do apaixonamento. Assim como na palavra grega *pathos*, temos postas na transferência as dimensões tanto do amor e da paixão quanto da dor e do padecimento.

Fragmentos de vida vão se repetindo e sendo vivenciados na transferência; intensifica-se o afeto, e vêm à tona desejos, dores e conflitos que devem ser superados pelo analista, sustentados até que possam ser postos em palavras. Se a força da transferência insiste, é porque, através da compulsão à repetição, o inconsciente pode presentificar-se: ele revela-se como ato, como repetições que se inscrevem tanto na forma como o analisando se coloca na cena analítica quanto no papel que ele atribui ao analista. O que advém disso é o estabelecimento da neurose de transferência, tomando a situação de análise como palco para o sofrimento, como lugar onde passa a transcorrer uma nova “doença artificial” (FREUD, 1914).

Aqui cabe destacar que o *pathos* em questão – esse padecimento/paixão que se apresenta na forma de neurose de transferência - não se refere ao que se processa na relação analítica tomada como algo dual, mas sim a ele mesmo como terceiro através do qual se viabilizará a análise. Conforme Francischelli (2007), é o sofrimento, como emissário do inconsciente, que promove a transferência. A ideia de um terceiro, para o autor, também remete à questão do enquadre, como sustentação necessária para que possa transcorrer o trabalho de análise, enquadre entendido como lei que implica igualmente analista e analisando, lei a que ambos estão submetidos, significando a presença da dimensão da castração, do limite, da falta como condicionante da análise.

Nasio (1999) aborda o tema da neurose de transferência falando sobre: “[...] a sequência dolorosa da transferência.” (p. 78) como um momento do tratamento que é vivenciado com muita intensidade afetiva, configurando-se como um limiar no qual as vivências emocionais do paciente são centralizadas para a figura do analista. Para o autor, esse momento de dor revela que o que move a relação analítica é a pulsão, e, nesse sentido, o papel do analista é: “[...] emprestar seu próprio corpo pulsional” (p. 78), deixando-se tomar pela atividade pulsional do paciente.

O analisando quer poder entregar ao outro a sua dor, livrar-se de todo mal-estar, mas depara-se com um analista que, através da abstinência e do enquadre, oferece-se como “espelho puro de uma superfície sem acidentes” (LACAN, 1948, p. 112). Ao sentir-se não correspondido em sua demanda de amor, o sujeito acaba por defrontar-se com sua intencionalidade agressiva, que logo é colocada para

o analista na forma de transferência hostil. Lacan (1948) chama esse momento de: “[...] nó inaugural do drama analítico” (LACAN, 1948, p. 110), enfatizando que essa transferência negativa deve ser abordada. Essa intencionalidade agressiva faz-se presente desde a constituição do sujeito e será posta na transferência sob qualquer pretexto.

Aqui cabe ressaltar que, para além de toda a força pulsional posta na sala de análise, esses momentos transferenciais carregam em si a possibilidade de uma intensificação da resistência, dificultando a travessia dessa fase dolorosa. O analista depara-se com a resistência do analisando com o desafio de sustentar uma escuta delicada que possa dar conta desse tempo de ambivalência.

Mas como sustentar isso que se repete sem palavras no *setting* analítico? Como emprestar corpo para viver essa força atual que não se faz lembrança? Qual a implicação do analista no turbulento curso dessas convocações transferenciais? Ao fazer essas interrogações, proponho pensar no que se apresenta como resistência do analista frente ao trabalho da análise.

Em “Observações Sobre o Amor Transferencial”, Freud (1915) chama a atenção para a implicação e responsabilidade do analista frente ao amor transferencial. Se o analista invocou os espíritos, cabe a ele ficar presente na escuta e sustentar um espaço para que essas paixões possam ser ditas, o que não significa gratificá-las – o tratamento deve ser conduzido na abstinência, adverte o autor. É a força desse amor que, transformada pelo trabalho analítico, irá colocar-se a serviço das mudanças desejadas. Freud recomenda: “[...] apaziguar essas forças por meio de substitutos.” (FREUD, 1915, p. 182).

Estar presente na escuta, estar disponível no desejo de que o analisando possa transpor a barreira do ato, dar sentido e pôr em palavras as suas questões – seriam substitutos capazes de apaziguar as forças inconscientes? Mannoni (1989) aborda essa questão propondo que o trabalho do analista esteja ligado no amor à verdade:

Se a transferência é a mola do ato analítico, ainda se faz necessário que o analista queira realmente levá-la em conta e permitir ao sujeito que esse amor ultrapasse a cerca do encerramento analítico e consiga desembocar no amor à verdade. [...] Mas essa possibilidade de *dizer a verdade* está

presa ao *desejo do analista*, que, esforçando-se por preservar o lugar que lhe é conferido enquanto analista, está ao mesmo tempo implicado em sua própria história edípica na situação analítica que se tece com o paciente (MANNONI, 1989, p. 21-22).

Por meio desse amor transformado – amor à verdade –, analista e analisando vão desvelando, para este, a sua verdade inconsciente, caminho de apropriação do próprio desejo e de liberdade de escolha do que fazer com ele. Porém, esse percurso é dispendioso, e vai além de um saber teórico-clínico sobre a resistência. Se o percurso analítico dá-se ao lado da resistência, há que pensar que a resistência também apresenta-se no analista. Implicar-se em sustentar o lugar de analista não seria um trabalho constante de elaboração de suas próprias resistências?

Elaborar as resistências é tarefa que convoca analisando e analista a se haverem com a inquietante força do desejo inconsciente. Que o analista possa saber um pouco mais sobre o seu desejo e colocá-lo em reserva em favor da análise do paciente é algo que está diretamente condicionado ao quanto o analista avançou em sua própria análise. É nos destinos vislumbrados na análise pessoal que se constrói um analista desejante de seguir a busca incessante de sustentar sua função.

### **3 IMPLICAÇÃO E RESERVA: A ÉTICA FUNDANTE DO LUGAR DE ANALISTA**

Se a análise é imprescindível para o analista sustentar-se como tal, é porque ela desvela, para o sujeito, a trilha de seu desejo. Mas que desejo possibilita a alguém inscrever-se como analista? O que autoriza um analista a sê-lo é que seu desejo esteja implicado com a ética da psicanálise. Kehl (2002) remete essa ética a um “deixar falar” a verdade do sujeito: “Se o *eu* não tomar a responsabilidade da palavra que representa o *isso*, de todo modo *isso* há de falar nele através do sintoma” (KEHL, 2002, p. 130). Retorna, assim, a questão do amor à verdade referida antes como preceito técnico, o que evidencia o quanto a ética e a técnica estão imbricadas em psicanálise.

Leite (2012) destaca que a ética própria à análise refere-se à responsabilidade do sujeito por seu desejo inconsciente. Nesse sentido, o desejo do analista deve ser o desejo de que a análise possa acontecer, tornando o analisando mais livre para entrar em contato com seu próprio desejo, uma vez que é da ética intrínseca a esse ofício que o analista possa abster-se de seus desejos, suas fantasias e convicções pessoais em nome da escuta da verdade inconsciente do sujeito. Abstinência que implica na renúncia em gratificar-se narcisicamente com o amor oferecido pelo paciente.

É a escuta analítica, a escuta do inconsciente, aquilo que um analista pode oferecer como proposição ética, o que significa sustentar um não saber sobre o outro. Há que colocar-se de forma a possibilitar que o sujeito fale de si, diga a sua verdade, por ele próprio desconhecida, mas revelada na palavra dita e não dita. Portar um não saber diante de alguém que nos atribui e nos interpela como possuidores de uma certa verdade desejada é uma atitude ética que requer, do analista, capacidade de renúncia.

Figueiredo (2000) fala da posição de analista como uma dialética sem síntese entre implicação e reserva. Retomando os escritos técnicos de Freud, o autor entende que eles comportam uma interdição para o analista de toda forma de imposição de tudo saber e tudo poder. Na análise, trata-se de criar e oferecer um espaço, um tempo e um suporte para as “emergências” psíquicas do paciente. É a criação de um espaço onde a presença do analista comporte uma certa ausência, onde a atitude do analista sustente uma reserva de si para o outro, “[...] deixando ao paciente a definição de quem é e do que faz e pensa aquele que o atende. Ou seja, deixando-se *negar e reinventar*.” (p. 26).

#### **4 RESISTÊNCIAS DO ANALISTA**

Sustentar o seu lugar impõe ao analista o desafio de se enfrentar com suas próprias resistências. Mas a que resiste o analista? Que forças operam para que ele hesite em ocupar o seu lugar, escape de exercer a sua função? O lugar de analista é sempre uma tentativa, um constante mover-se para buscar estar em um certo lugar, na contramão de forças que, como ondas, pressionam para tirá-lo dali. Ondas de pulsão que, mesmo quando moções, sempre se fazem presentes.

Mas o que produz resistência no analista também advém do inconsciente. Por isso, Freud adverte, em vários pontos de sua obra, a relação direta entre o horizonte possível na condução de uma análise e a própria análise do profissional. Isso é explicitado em “Análise Terminável e Interminável” (1937), quando ele fala dos perigos aos quais o analista está exposto, pelo próprio exercício de seu ofício:

Não seria de surpreender que o efeito de uma preocupação constante com todo o material reprimido que luta por liberdade na mente humana despertasse também no analista as exigências instintuais que de outra maneira ele é capaz de manter suprimidas. Também esses são os ‘perigos da análise’, embora ameacem não o parceiro passivo, mas o parceiro ativo da situação analítica, e não deveríamos negligenciar enfrentá-los. (FREUD, 1937, p. 266).

Para lidar com as produções inconscientes do outro, há que ter um bom trânsito pelas suas próprias. Penso que isso remete à necessidade de o analista saber de si tanto no que se refere ao que é “comum”, no sentido de universal – ter um caminho de análise sobre o seu complexo de Édipo, seu desejo incestuoso e parricida -, mas também entendo que isso diz respeito à capacidade de escuta do analista sobre a diferença – momento em que é preciso poder lidar com a castração e conter seus aspectos narcísicos para reconhecer no outro a singularidade e a alteridade.

Abordamos a transferência, no intuito de mostrar a intensidade das demandas do analisando colocadas sobre a figura do analista. Dizer que o analista, em seu lugar, faz-se presente como objeto da pulsão é dizer que, no discurso do paciente, o analista está coberto com o investimento advindo de outros objetos significativos para a pessoa. É nesse sentido que considerar a transferência como uma relação dual: “[...] inaugura um descaminho do lugar do analista” (SANTOS, 2014, p. 359), pois é sempre do inconsciente que se trata.

As demandas do analisando estarão sempre pressionando o analista a responder algo, tomando-o desde um lugar idealizado de quem detém um suposto



saber. Um analista que se deixe invadir pela resistência, a partir de seus aspectos narcísicos, ficará tentado a se apresentar como um “eu”, como pessoa que personifica o ideal atribuído pelo paciente. O analista tem que poder ocupar esse lugar de suposto saber, mas entender que esse é um lugar impossível, lugar imaginário, inexistente na esfera da análise. Ali onde se espera a enunciação de um saber, o analista cala, indicando sua falta a ser (LACAN, 1961).

Ao interrogar-se sobre o que é preciso para que um analista assuma a sua função, Nasio (1999) aponta a necessidade de abordar os conceitos de desejo do analista e de contratransferência. Referindo o conceito lacaniano, este coloca que o desejo do analista é o desejo de estar no lugar de objeto atrator da transferência, objeto da pulsão. No tocante ao conceito de contratransferência, Nasio considera que esta deve ser vista não como algo que se passa entre o analista e o analisando, mas como algo que diz sobre a relação do analista com o seu lugar, sendo a contratransferência composta por obstáculos imaginários que se opõem a que o analista ocupe o seu lugar. Para o autor, “[...] a contratransferência é a expressão de um superinvestimento libidinal da imagem narcísica ou, mais exatamente, de um superinvestimento da imagem especular constitutiva do Eu do analista” (NASIO, 1999, p. 123). Mas o que quer dizer essa colocação? Talvez que ali onde o investimento passa a ser deslocado para aspectos da pessoa do analista, ali onde o analista deixa-se capturar por um enamoramento referente a alguma imagem de si, algo diferente da escuta analítica passa ao primeiro plano – o analista sai de seu lugar.

Nasio (1999) aponta que a contratransferência pode manifestar-se sob as formas de saber, de paixão, ou de angústia. O saber refere-se ao analista conduzir-se como o portador de algum conhecimento que se sobrepõe à verdade do analisando. Neste ponto, penso no impulso de explicar algo ao analisando, na necessidade do analista de falar sobre o que ele deduz que se passa com o paciente, na forma de explanação de um entendimento. Se a demanda do analisando, por vezes, aparece como uma tentativa de pôr o analista no lugar de quem sabe, de quem tem respostas ao seu sofrimento, cabe ao profissional renunciar ao lugar de mestre ou de pedagogo para sustentar a função analítica. Para efetivar essa renúncia, o analista não pode encontrar-se em dificuldade de lidar com seus aspectos narcísicos, lugar da onipotência.

Outra manifestação da contratransferência elencada por Nasio (1999) é a paixão, ou seja, os sentimentos com que o analista possa vir a se defrontar em relação ao paciente, sendo de amor, ódio e seus derivados. Aqui me ocorre, por um lado, o risco de o analista desejar pelo paciente, movido por sentimentos ternos, e de outro, o risco de atuações movidas por sentimentos hostis. Se essas ilustrações que proponho parecem caricatas, figurando como imagens distantes daquilo que o significativo analista pode evocar, é porque a incansável recomendação freudiana de análise e reanálise para quem se propõe a esse ofício insiste em tornar visível o óbvio: que o sujeito analista também existe a partir de um determinismo psíquico inconsciente.

Por fim, Nasio (1999) fala na angústia, como sendo a forma mais pura e também mais saudável de manifestação da contratransferência, visto que ela surge, para o analista, como sinal de perigo. Se a angústia mostra-se como um afeto mais difuso, anunciando um perigo, ela carrega em si a possibilidade de o analista procurar pensar sobre o que está em jogo como algo iminente. Nasio indica que a angústia no analista surge em momentos cruciais, de travessia de momentos difíceis da análise, apontando para a necessidade de o analista se haver com a castração – sustentar-se em seu lugar na condução do tratamento, sem ter garantias sobre a que lugares esse caminho irá levar o analisando.

Mas, se a angústia é sinal que chega ao analista anunciando a passagem por territórios áridos, que relação ela tem com o quanto o analista faz sua função? O que pensar de análises que correm tranquilas, sem momentos de turbulência? Retomando Lacan (1948), cabe salientarmos que a intencionalidade agressiva é constitutiva do sujeito e revela-se como tendência à agressão, que será posta na relação analítica na forma de transferência negativa. Tal agressividade faz-se presente como tentativa de ruptura com a alienação do sujeito ao desejo do outro. Esse caráter emancipatório torna a abordagem da transferência negativa um momento fundamental de uma análise: O lugar ocupado pela negação na análise é, repetimos, absolutamente essencial, e não pode ser reduzido a uma simples problemática de defesa ou de resistência do sujeito. Porque a fala se instaura na ruptura: tomar a palavra é tomá-la de alguém, o que pressupõe que já não estejamos no nível do ser, no prolongamento puro do corpo do outro (seja ele o da mãe, ou o

do analista). [...] O que se forma então no espaço e no tempo, através da negação e da ruptura, é a possibilidade de o sujeito fazer seu um desejo próprio. Ele pode dizer “eu” onde, antes, só existia no nível do eco (MANNONI, 1989, p. 148).

Se esses momentos de transferência negativa são necessários e importantes, a condição de atravessá-los requer do analista a capacidade de sustentar a sua função. Aqui retomo a importância do enquadre como lei que paira sobre ambos, destacando que essa lei só irá incidir sobre o percurso analítico na medida em que o analista não se furtar de sua função de ser o seu fiel representante. E não seria a justa e necessária incidência da lei a interdição de Narciso e o terror de Édipo? Penso que a possibilidade de a lei operar, instaurando a dimensão da falta, da castração, relaciona-se diretamente ao aparecimento da angústia. Cabe ao analista suportá-la, o que terá condições de fazer, quanto mais estiver implicado em sua função simbólica de representante da lei, ou seja, quanto mais estiver ele próprio atravessado pela castração. Então, parece que o lugar do analista é atravessado por um aspecto paradoxal, onde sustentar o *setting* tanto promove a angústia quanto dela protege. Enquanto escrevo este trabalho, vivencio diversas situações clínicas que podem ser entendidas como momentos resistenciais, em sua maioria permeadas por tentativas de transgressão do enquadre, que ilustram o quanto o lugar de analista está o tempo todo sendo posto em questão. Pedidos de troca de horário, pedidos de “ajuda” por telefone, pedidos de que não sejam cobradas sessões faltadas, pedidos para que eu fale ou faça perguntas nos momentos de silêncio, perguntas sobre se eu conheço e poderia indicar um local para a paciente fazer yoga para “baixar a ansiedade” (de uma analisanda que vem uma vez na semana quando o indicado foram três vezes), comunicados de retorno a um tratamento medicamentoso sem discutir essa intenção na análise, e outros eventos semelhantes, que se interpõem como pedidos de exceção, pedidos de que se desconsidere o que está previamente combinado. Responder a estas questões, desde o lugar de analista, é poder dirigir-se ao que está por trás do que se apresenta sob a forma de pedido, interrogando e fazendo circular seus significados possíveis.

Nesse ponto, é impossível não lembrar que tudo o que estamos abordando já constava nas “Recomendações aos Médicos que Exercem a Psicanálise”, em cuja obra Freud (1912b) destaca que suas proposições técnicas convergem para um

preceito único, qual seja, que o inconsciente do analista possa estar disponível para captar o inconsciente do paciente, o que somente será possível se o analista puder livrar-se de suas resistências através de seu próprio processo analítico. Podem-se entender as recomendações constantes neste artigo como incidindo sobre ações que figuram como expressões da resistência do analista, como, por exemplo, fazer anotações, dirigindo a atenção para pontos deliberados e selecionados; a ambição terapêutica de buscar resultados; a ambição educativa de desejar pelo paciente. Freud aponta o lugar do analista como o lugar do espelho, enfatizando que o analista deve ser opaco ao paciente, mostrando apenas o que lhe for mostrado.

A validade dessas recomendações nos é atestada através dos próprios relatos clínicos de Freud (1905), como em “Fragmento da Análise de Um Caso de Histeria”, o caso Dora, no qual o autor dedica-se a pensar em sua própria implicação no trabalho analítico, revelando a sua disponibilidade prejudicada para captar o inconsciente da jovem. Pode-se pensar que diversos fatores interferiram na obstrução da escuta, como a intenção de utilizar o caso como complemento à “Interpretação dos Sonhos” e, principalmente, as dificuldades relacionadas à escuta e ao manejo da transferência, como o próprio Freud menciona no posfácio do historial clínico.

Dora fica em tratamento por um período breve, mas rico em “solicitude” para oferecer material ao trabalho, como observa Freud. Durante esse período, ocorrem dois sonhos, que tiveram suas interpretações imediatamente investidas por Freud (1905), como ilustrações para a sua teoria. A transferência presentificava-se, mas não a sua escuta. No posfácio, o autor fala das advertências transferenciais contidas já desde o primeiro sonho, mas aponta que, na época, estava “surdo” a esse material e viu-se “surpreendido” pela transferência.

Ao retomar o caso para pensar a interrupção abrupta e precoce da análise por Dora, Freud (1905) entende que falhou por não conseguir: “[...]dominar a tempo a transferência”, e atribui isso ao fato de ter esquecido: “[...] a precaução de estar atento aos primeiros sinais da transferência” (FREUD, 1905, p. 113). Freud conclui que, se tivesse podido interpretar a transferência, teria evitado com que Dora a atuasse, fazendo da interrupção da análise uma vingança contra Freud,

como substituto do Sr. K., por quem ela teria desejos de vingança por se sentir abandonada e enganada.

Poderíamos questionar, a título de exercício, se houve, nesse adendo, alguma intenção de Freud de analisar as suas resistências surgidas na condução dessa análise. O caminho interpretativo de ver no desfecho uma atuação vingativa de Dora não parece apontar nessa direção. Freud parece reconhecer um erro técnico, mas não uma resistência. Entretanto, de que outra maneira explicar-se-ia a obstrução na escuta de nosso brilhante clínico?

A propósito do primeiro sonho, Freud se dá conta dos aspectos transferenciais, mas os aborda como repetição direta dos desejos e conflitos vivenciados por Dora em relação ao pai e ao Sr. K., e interpreta o ressurgimento do sonho de repetição como significando o reaparecimento de uma intenção de fugir de um perigo, agora atribuído ao tratamento. Freud segue relatando o segundo sonho e coloca que, ao término de duas sessões, vê-se satisfeito com sua interpretação. Porém, Dora inicia a sessão seguinte anunciando a interrupção da análise. Surge a alusão à governanta que dá aviso prévio de 14 dias, visto que, ao ser questionada por Freud, Dora disse que, havia 14 dias, tinha tomado a decisão de interromper os encontros. Dora falou de uma governanta do Sr. K., que se sentiu abandonada, mas que estava esperando antes de ir embora para ver se o Sr. K. não se modificaria... Ora, o que Dora esperava de Freud? Será que Freud mudaria e a olharia de outra forma? O que a estava fazendo sentir-se abandonada na transferência?

No entanto, Freud não tomou essas colocações como transferenciais, e sim como referências diretas aos conflitos entre Dora e o Sr. K., retomando a cena do lago e entendendo a atitude de Dora (o tapa no Sr. K.) como vingança por ciúmes. Ele compreende a decisão de Dora de interromper a análise nessa mesma linha interpretativa. A seguir, vemos Freud realizando uma extensa explicação sobre as motivações, os desejos e as frustrações de Dora em relação às suas expectativas quanto ao Sr. K., mas isso justamente no momento em que ela estava dando o aviso prévio para ele, Freud. Teria ele invocado os espíritos e os mandado manifestar-se em outro lugar? No jogo transferencial de ser e não ser, de oferecer-se e escapar, o quanto Freud pode estar para Dora como objeto da pulsão? Parece que ele se esquivou disso, e, ao final do relato do caso, ele próprio questionou-se

se deveria ter colocado-se de modo diferente perante Dora, a jovem que escutou, emocionada e sem contestar, a explicação final de seu analista que tomou por despedida vingativa o que poderia ser um pedido de amor: Será que eu poderia ter conservado a moça em tratamento, se tivesse eu mesmo representado um papel, se exagerasse o valor de sua permanência para mim e lhe mostrasse um interesse caloroso que, mesmo atenuado por minha posição de médico, teria equivalido a um substituto da ternura por que ela ansiava? (FREUD, 1905, p. 106).

Assim, Freud vai finalizando seu relato do caso Dora... mas era tarde demais para a análise da moça. Em contrapartida, para os analistas que viriam, essa era ainda uma trajetória inicial de tentativa de compreensão do que se passa na condução de um percurso analítico, nos meandros da transferência e da resistência. Esse generoso e corajoso relato inaugura a necessidade, para cada analista, de um olhar sobre si próprio enquanto clínico e enquanto sujeito no encontro com o outro. Ao tomar emprestadas essas reflexões de Freud e lançar sobre elas o nosso olhar e a nossa escuta, não fazemos mais do que ilustrar que toda análise estará sujeita a esbarrar em obstáculos que advêm do analista.

## **5 PARA CONCLUIR**

Retomando o fio da metáfora proposta no início: se de um lado o analista atrai para si a teia da transferência do analisando, de outro lado, também ele vai tecendo a sua teia na intenção de capturar/apreender as formações do inconsciente do analisando. E, se a aranha não termina presa em seu próprio artefato, é porque lhe vale a delicadeza de saber equilibrar-se em sua rede, cuidando para não ser fisgada pelos fios mais grudentos.

No exercício desse ofício, sempre se terá de lidar com o próprio inconsciente, com o próprio sintoma, e, nesse sentido, a análise do analista é também eticamente interminável e não se traduz em garantia contra a resistência. Inscrever-se como analista é trabalho para os instantes - é um movimento insistente de inquietar-se, interrogar-se e buscar o lugar de analista.

## REFERÊNCIAS

FIGUEIREDO, L. C. Presença, implicação e reserva. In: COELHO JR., N.; FIGUEIREDO, L. C. *Ética e técnica em psicanálise*. São Paulo: Escuta, 2000.

FRANCISCHELLI, L. A. **Amanhã, Psicanálise!** O trabalho de colocar o tratamento no paciente. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.

FREUD, S. (1905 [1901]). Fragmento da Análise de um caso de histeria In:\_\_\_\_\_. **Obras psicológicas completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 15-116. (Edição Standard Brasileira, 7).

FREUD, S. (1912a). A Dinâmica da transferência In:\_\_\_\_\_. **Obras psicológicas completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 109-119. (Edição Standard Brasileira, 12).

FREUD, S. (1912b). Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise. In:\_\_\_\_\_. **Obras psicológicas completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 123-133. (Edição Standard Brasileira, 12).

FREUD, S. (1914). Recordar, repetir e elaborar. In:\_\_\_\_\_. **Obras psicológicas completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 161-171. (Edição Standard Brasileira, 12).

FREUD, S. (1915 [1914]). Observações sobre o amor transferencial. **Obras psicológicas completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 175-188 (Edição Standard Brasileira, 12).

FREUD, S. (1937). Análise terminável e interminável. **Obras psicológicas completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 225-270 (Edição Standard Brasileira, 23).

KEHL, M. R. **Sobre ética e psicanálise**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

LACAN, J. (1948). A agressividade em psicanálise. In:\_\_\_\_\_. **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

\_\_\_\_\_. (1961). O não de Sygne. In:\_\_\_\_\_. **O seminário:livro 8: a transferência**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

LEITE, L. C. Novos tempos, tempos de recomendar! Ética e função analítica. In: PAIM FILHO, I.; LEITE, L. C. **Novos tempos, velhas recomendações sobre a função analítica** (1912-2012): Freud: 100 anos depois. Porto Alegre: Sulina, 2012.

MANNONI, M. **Da paixão do ser à “loucura” de saber**: Freud, os anglo-saxões e Lacan. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1989.

NASIO, J-D. **Como trabalha um psicanalista?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

PINHEIRO, Iara. Catherine Millot, psicanalista e escritora: ‘Escreve-se o que não pode ser dito’. **O Globo**, Rio de Janeiro, 2 jun. 2016. Disponível em: <[http://oglobo.globo.com/sociedade/conte-algo-que-nao-sei/catherine-millot-psicanalista-escritora-escreve-se-que-nao-pode-ser-dito-19201152?utm\\_source=Facebook&utm\\_medium=Social&utm\\_campaign=compartilhar](http://oglobo.globo.com/sociedade/conte-algo-que-nao-sei/catherine-millot-psicanalista-escritora-escreve-se-que-nao-pode-ser-dito-19201152?utm_source=Facebook&utm_medium=Social&utm_campaign=compartilhar)>. Acesso em: 18 jul. 2016.

SANTOS, S. S. Formação de analistas, mímese e narcisismos. In: CENTRO DE ESTUDOS PSICANALÍTICOS DE PORTO ALEGRE (Org.). **Para uma introdução ao narcisismo**: reflexos e reflexões. Porto Alegre: CEPdePA, 2014.



## **Becoming analyst**

### **Abstract**

The objective of this paper is to present and discuss some questions and reflections regarding the analytical listening as affected by the analyst's resistance and its articulation with the analysand's transference. It is based on the Freudian theoretical reference, especially of his technical writings. It is pointed out that the instinctual force put into the analysis many times reflect moments that carry within them the possibility of an intensification of resistance, making it difficult to cross through this painful phase. The analyst is faced with the analysand's resistance and the challenge of sustaining a delicate listening that can cover for this time of ambivalence. It is questioned the implication of the analyst in the turbulent course of the transference summons of the analysand, inquiring what it resists the analyst and what forces operate so that he hesitates to take his place and escapes from exercising his function. It is obtained that what produces resistance in the analyst also comes from the unconscious. Freud warns, in several points of his work, the direct relation between the possible horizon in conducting of an analysis, and the professional's own analysis. All the analysis will be subject to obstacles that comes from the analyst. In the exercise of this profession, always will have to deal with the unconscious itself and, in this sense, the analysis of the analyst is also ethically endless, and does not translate into a guarantee against resistance. Becoming analyst is work that refers to an insistent movement of get restless and question yourself and seek the analyst's place.

**Keywords:** Transference. Analyst's place. Analyst's resistance.